

DA VOZ À LÍNGUA: A PROSÓDIA MATERNA E O DESLOCAMENTO DO SUJEITO NA FALA DIRIGIDA AO BEBÊ¹

Marianne C. B. CAVALCANTE

RESUMO Neste trabalho questionamos o conceito de “manhês” e sua mais recente perspectiva teórica, universalista e “neodarwinista” (Fernald, 1993), que destaca o caráter pré-adaptativo das modificações prosódico-afetivas da fala materna para a aquisição da linguagem. Propomos então uma perspectiva interacionista para o fenômeno, na qual a fala materna é compreendida enquanto movimento interpretativo, principal responsável pela inserção da criança na língua.

ABSTRACT In this work we question the notion of “motherese” and its more recent theoretical, universalist and neo-darwinist, perspective (Fernald, 1993), which emphasizes the pre-adaptative character of prosodic-affective modifications of maternal speech for language acquisition. We replicated Fernald’s experiments and verified that our results do not match Fernald’s ones. Then we put forward an interactionist perspective to explain this phenomenon. According to it, the speech direct to the infant is seen as an interpretative movement, which is the main factor of the insertion of the infant into the language.

Numa retomada crítica da literatura do chamado “manhês”, desde a década de 70 (Snow & Ferguson, 1977, entre outros), cuja preocupação era atribuir um lugar facilitativo para este tipo de fala e suas peculiaridades, questionamos a concepção de uma percepção inata do bebê (Scarpa & Lier, 1991), pronta a reconhecer as saliências, sobretudo as prosódicas, da fala materna a ele dirigida. Na sua mais recente perspectiva, o “manhês” assume uma roupagem universalista “neodarwinista” (Fernald, 1993) sendo atribuído a esta fala um caráter pré-adaptativo, no qual as saliências prosódicas da fala materna modulariam atenção e afeto para o bebê facilitando sua aquisição lingüística, a partir de um aparato

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado, de mesmo título, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 29 de março de 1999, sob a orientação da Prof. Dr.ª Ester Scarpa.

perceptual inato pronto a reconhecer determinados padrões acústicos da fala materna.

Desta forma, as configurações prosódicas do manhês seriam consideradas universais, independentes de restrições culturais, porque o que está em jogo é o caráter pré-adaptativo deste tipo peculiar de fala; ou seja, o bebê já nasce pré-programado a perceber determinadas saliências prosódicas - como as curvas de altura elevadas - na fala materna. A relação entre estas saliências prosódicas e os contextos de afetividade (atenção, proibição, aprovação e conforto) nos quais emergem funcionaria como via de acesso da criança ao lingüístico. Como corpo de evidência, a autora desenvolve estudos experimentais em diversas culturas, mostrando o mesmo tipo de características vocais na fala endereçada ao infante.

Esta concepção universalista do manhês é estruturada, pela autora, através de um modelo no qual a prosódia materna desempenha certas funções no desenvolvimento. Segundo este modelo, os padrões prosódicos característicos da fala da mãe serviriam inicialmente para solicitar a atenção do bebê, para modular estímulo e afeto e para comunicar significados afetivos. Apenas gradualmente, no final do primeiro ano, a prosódia materna começaria a servir especificamente a funções lingüísticas, facilitando o processamento e compreensão da fala. A ênfase deste modelo reside nas funções regulatórias pré-lingüísticas da entonação na interação mãe-criança, pois serve de suporte para o argumento da autora, baseada numa visão neodarwinista, de que a fala materna humana é um mecanismo adaptativo. Esta perspectiva enfatiza uma predisposição biológica primária para o uso exagerado de traços prosódicos na fala dirigida ao infante.

1. REPLICANDO O MODELO

O interesse em pesquisar as modificações prosódicas do manhês, em mães brasileiras, a partir das pistas levantadas por Fernald (1993) entre outros, propiciou a elaboração de um estudo longitudinal de duas díades brasileiras, através de registros em vídeo, ao longo de dezoito meses, em situação naturalística. Buscou-se comparar os resultados de Fernald com as duas díades brasileiras. A díade I (D1) tem os seus registros iniciados a um mês de vida do bebê; a díade II (D2), aos quatro meses. As mães são primíparas, de mesmo nível sócio-econômico e sua faixa etária gira em torno de trinta anos. As gravações foram efetuadas quinzenalmente, com duração média de quinze minutos.

O objetivo com estas filmagens longitudinais foi não só observar as características prosódicas da fala materna, nos contextos específicos já descritos em outros trabalhos, mas, principalmente, tentar compreender, num outro momento (análise longitudinal da díade I), como se dá o acesso da criança à organização de sua língua materna (Scarpa, 1988, 1997). Seguem-se os resultados:

Resultados principais

Alguns contextos não foram condizentes com o mostrado pela autora, nem tão freqüentes como se esperava. As situações de *proibição*, por exemplo, foram praticamente inexistentes nos primeiros meses de vida do bebê, sendo mais freqüentes a partir dos sete/oito meses, quando a criança já havia adquirido uma maior mobilidade, já engatinhava, e assim, podia explorar melhor o ambiente. Com relação ao tipo de contorno, as nossas mães não apresentaram curvas tão baixas quanto àquelas de outras culturas, ao contrário, o F° apresentado é bem elevado, 270Hz, não condizente com o tipo de curva esperado. As situações de *atenção* foram as mais freqüentes (com $F^{\circ 2}$ em torno de 350Hz e curvas do tipo ascendente-descendente de médio a alto), em todo o tempo de registro analisado, mas estas expressões podem ser tomadas como *aprovação*. Cabe salientar o tipo de conteúdo da *atenção*: nos primeiros meses, a mãe chama a atenção do bebê, destacando como tópico o próprio bebê; em torno dos sete/oito meses a busca da atenção do bebê é sempre através de algo externo (objeto, bichinho etc.). Os contextos de *aprovação* (com F° em torno de 530 Hz, curvas do tipo ascendente e/ou ascendente-descendente, e qualidade de voz em *falsetto*) também não foram muito freqüentes nos dados analisados, muitas vezes eram um misto de *aprovação* e *atenção* ao mesmo tempo, difícil de definir. As situações de *conforto* (com F° em torno de 190 Hz, curvas descendentes, voz sussurrada e com alongamentos) foram as únicas condizentes com a literatura e freqüentes ao longo de todo o primeiro ano de vida do bebê.

Desta forma, pudemos constatar algumas diferenciações em relação aos resultados a que Fernald chega, a ponto de colocar em dúvida a universalidade dos traços prosódicos propostos pela autora, a saber:

- O fato da negação não existir em idades anteriores e não apresentar tons baixos (270Hz) como o esperado se contrapõe a idéia de Fernald de que é nas diferenças de modulações que o bebê tem acesso ao lingüístico. Pois se não há o contraponto da negação (mais baixa) para salientar os outros tipos de fala (atenção, aprovação) como o bebê vai fazer as diferenciações? Isto é, como vai desencadear sua predisposição inata para a percepção dessas modificações “prosódico-afetivas”?
- A confusão entre atenção e aprovação (com o mesmo tipo de curva e mesmo conteúdo lexical) ao longo de todo o primeiro ano de vida não demonstra que mais do que universais estes contextos tem sua modulação estruturada pela qualidade da interação? E se não temos aprovação e atenção bem definidos como modulamos o afeto para o bebê?

² F° = freqüência fundamental.

A perspectiva neodarwinista de Fernald (1993), espelhada ora no inatismo, ora no “neobehaviorismo”, concebe as saliências prosódico-afetivas da fala materna como universais através das culturas, e mais do que isso, considera a capacidade perceptiva do infante como biologicamente dada, isto é pré-adaptativa da espécie. Esta perspectiva teórica é por nós refutada, a partir desta réplica do experimento de Fernald (op.cit.) com mães brasileiras, mostrando como a relação entre prosódia e contexto afetivo se dilui na fala das mães estudadas.

A não-congruência com os resultados de Fernald nos possibilita a assunção de uma perspectiva prosódico-afetiva para uma lingüístico-discursiva, na qual a estrutura dialógica mãe-bebê é concebida como espaço privilegiado para a inserção da criança na língua (de Lemos, 1986, 1992, 1995).

2. DO AFETIVO AO DISCURSIVO

A assunção pela perspectiva lingüístico-discursiva possibilita conceber a singularidade da relação dialógica mãe-bebê como espaço de subjetivação, em que tanto a criança quanto o outro (no caso, a mãe) são atravessados pelo Outro – a língua, o sistema, e por isso mesmo, a ele assujeitados. Aqui, ambos estão sujeitos ao sistema e a ação interpretativa materna atribui sentido à “fala da criança”.

Esta subjetividade redimensiona o papel da interação, da dialogia, na aquisição da linguagem. Este movimento permite um outro olhar sobre a atividade interpretativa do outro – a mãe. Um olhar em que se pode vislumbrar a língua em uso.

Esta mudança de orientação teórica possibilita conceber a fala materna enquanto movimento interpretativo (Castro, 1995, 1997a e b), que atribui significação aos comportamentos do bebê, elegendo a relação mãe-bebê como uma atividade dialógica, desde os primeiros meses.

Desde o nascimento, a mãe toma o bebê como um interlocutor, fazendo uso da *fala atribuída*: quando a mãe dá “voz” ao bebê, falando “*como se*” fosse ele. Para isso, ela modaliza a sua voz, através do falsetto e da fala infantilizada, marcando prosodicamente o lugar discursivo de um outro sujeito: o bebê. Esta fala se subdivide em interpretativo-comportamental- quando a interpretação se baseia em algum comportamento manifesto do bebê e *passível de deriva* - quando nada no comportamento manifesto do bebê justifica o conteúdo da interpretação “como se”.

Situação 1

Neste trecho extraído da situação 1, a mãe está despindo o bebê (1 mês e 5 dias) para iniciar o banho. A criança chora incessantemente e a mãe faz uso da fala atribuída, do tipo interpretativo-comportamental, para acalmá-lo.

- 5 aumenta a intensidade do choro
(cadência mais lenta, volume baixo)
- 6 a'li// 'o mǎi// 'ʃʃ:o//
Ali. Ô mãe, chii, ô.
- 7 ki' foi(risadinha)// 'o vi'tória://
bebê chora mais forte
Que foi? Ô Vitória.
'ɛsa 'fita 'krepi 'keu nũ kōsigu ti'ra//
Essa fita crepe que eu não consigo tirar! para o choro, respira
e torna a chorar
- (falsetto)
- 8 tu'ma bǎ'iu vi'tória//bǎ'iu//ɛ://bǎ'iu//
Tomar banho, Vitória. Banho, é, banho. chora intensamente
(velocidade de fala mais rápida)
- 9 vǎmu tu'ma bǎ'iu//ã//
Vamos tomar banho. Hã?
(voz rouca)
- 10 i'sɛ ora di tu'ma bǎ'iu mǎ'mǎi//(5s)
Isso é hora de tomar banho, mamãe!
na pausa da mãe ele
aumenta a
intensidade do choro
- 11 'o mew 'dew du 'sɛu (ri)//
Ô meu Deus do céu!
- 12 chora mais intenso
após a risada
- (falsetto)
- 13 o' mǎi//o: mǎ'mǎ:i//pɛ'lai//pɛ'lai//o//voti'la a
Ô mãe. Ô, mamãe! Espera aí, espera aí. Olha, vou tirar a
diminui a intensidade
do choro

A análise desta trajetória da fala materna põe à mostra resultados que merecem destaque. Em relação à sua caracterização, podemos dizer que há pelo menos dois tipos³ (ou dois níveis) de fala atribuída: a interpretativa-comportamental e a passível de deriva.

³ Para Lemos (1992,1995) ambas as falas são passíveis de deriva; usamos estas expressões operacionalmente, para distinguir os dois tipos de “fala materna” neste período.

A primeira, apresenta-se quando a mãe atribui a algum comportamento do bebê (vocal ou corporal) uma interpretação (situação 1: turno 6). O outro tipo de fala designamos como “passível de deriva” pois nada dentro do contexto imediato (comportamento do bebê) leva à sugestão do conteúdo a ser produzido no enunciado materno (turno 10).

As modificações da fala materna na interação com seu bebê, trazem à tona um sujeito dividido entre assumir o seu lugar de mãe e estruturar o lugar do bebê, na fala atribuída.

O deslocamento subjetivo materno evidenciado na fala atribuída começa a se estruturar de maneira diferente ao final dos nove meses. Diante de um infante mais ativo vocalmente, a mãe, através de sua fala, promove um outro deslocamento, desta vez, para o seu próprio lugar - o de mãe. Neste momento, a fala materna passa a pontuar as produções do bebê, através da *fala ritmada* e da *fala recortada*. Na *fala ritmada*, a mãe faz uso da marcação rítmica para correlacionar gesto e voz, possibilitando à criança “inserir-se no compasso da língua”:

Situação 2

Mãe e o bebê (11 meses e dias) estão sentados no tapete da sala brincando com um cinzeiro de chão.

- | | | |
|----|--|---|
| 10 | 'pɛ// 'pɛ// (coloca pé no cinzeiro) (1s)
pé, pé

(alto + enfático)
'pɛ (2s) 'pɛ (2s) 'pɛ (2s)
pé, pé, pé. | coloca o pé no
cinzeiro quando mãe
dá a pausa |
| 11 | 'pɛ//
pé | 'pɛ (2s)pa 'pɛ
(balança os pés no
cinzeiro e bate palmas) |
| 12 | 'pɛ
pé | |
| 13 | | balbucia baixinho e
caminha para mãe,
agarrando-se nela |

A estrutura prosódica da fala materna, delineada ao longo das situações descritas acima, demonstra uma mudança qualitativa em relação ao momento anterior (a fala atribuída), pois, se num primeiro momento o papel da fala materna era de marcar o lugar do infante no diálogo, através do uso do falsetto, agora, diante de um bebê que já assume os seus turnos, o falsetto passa a enfatizar a fala recortada

deste bebê e/ou descrever suas ações, tomadas pela mãe como positivas. Há, portanto, uma mudança qualitativa no uso dessa modalização vocal, **de delimitadora de um lugar discursivo para demarcadora da fala do bebê no discurso materno**. Se antes o foco era o lugar ocupado pelo bebê no discurso, agora o foco é a fala produzida por este bebê na interação.

Diante de um bebê vocalmente mais ativo, a fala materna passa a ser desenvolvida com uma riqueza prosódica maior, principalmente com a inserção do ritmo na interação. Através de cantigas infantis, a mãe une gesto e voz como uma entidade única, estimulando o bebê a recortar estas situações, através de situações envolvendo interação positiva. Estes momentos nos quais o ritmo é privilegiado e realçado através de modalizações prosódicas são denominados de '*fala ritmada*' (turnos 10 e 11). Nestes exemplos, a produção vocal é concomitante ao gesto produzido: a repetição ritmada das palavras acompanha ações da criança, como erguer-se, e colocar o pé no cinzeiro, no turno 10.

Na *fala recortada*, a atividade especular materna, marcada pela voz em falsetto, possibilita à criança reconhecer/ver refletida sua própria voz inserida no contínuo de fala materno.

Situação 3

A mãe e o bebê (13 meses e 12 dias) estão no quarto brincando com fantoches.

1		balbuciando baixinho
	(alto) (baixo)	
2	u 'ke //(2s)ki ' foi//ũ:ũ://	
	O que ? Que foi ?Hum, hum.	
3	ata' tʒa	(olhando para mãe)
4	o::i//	
	Oi ?.	
5	e::	
6	ũ:	abrindo e fechando a
	Hum?	boca sem emitir som
	(falsetto)	
7	ajʒj ' da:	(olhando para mãe e
		fazendo bico com os lábios)
8	uki ' foi//	
	O que foi ?	

Aqui, as produções maternas sempre vêm em falsetto com a mesma curva entonacional da produção infantil. Cabe destacar que, por vezes, este recorte da fala

do bebê não é imediato pode emergir alguns turnos posteriores à produção do infante, como vimos acima (turno 7 para a produção do turno 3).

Como se observa, diante dos exemplos colocados e das falas caracterizadas, pode-se perceber o trabalho suprasegmental desenvolvido pela mãe neste momento da interação que vai dos nove aos treze meses de vida do bebê. Através do desenvolvimento de trabalhos rítmicos, envolvendo gesto e voz, na *'fala ritmada'* e ao mesmo tempo, salientando prosodicamente a fala do infante por meio de recortes das produções deste infante por ela espelhados, na *'fala recortada'*. O papel da mãe parece ser o de organização do contínuo fônico-experiencial da criança seja do ponto de vista melódico/ritmado - *fala ritmada* -, seja do ponto de vista lingüístico-discursivo - *fala recortada*.

Um novo deslocamento se faz presente a partir da restrição da mãe ao seu lugar discursivo: a assunção da criança no seu lugar de sujeito. A criança, a partir dos quinze meses, começa a se posicionar na língua assumindo o seu próprio lugar e, também, deslocando-se para outros lugares, como faz a mãe. A *fala enfática*, então, se estrutura destacando itens lexicais do contínuo sonoro materno através da ênfase na sílaba final acentuada seguida de alongamento final.

Situação 4

Mãe e bebê (16 meses e 10 dias) estão sentados na cama, Vitória está folheando o livro de estórias, quando a mãe começa a cantar a música do hipopocaré- peça infantil.

(ênfase)

- | | | |
|---|--|---------------------------|
| 1 | ipó'pó//ipó'pó//ipópoka're://
Hipopó, hipopó, hipopocaré
(baixo) | (olhando para
Vitória) |
| 2 | ipópó'pa:
começa a folhear a revista | |
| 3 | ipó'pó// ipó'pó// ipópoka're://
Hipopó, hipopó, hipopocaré | |

Esta situação mostra uma modificação estrutural na relação dialógica, uma vez que as produções maternas começam a desvincular-se do papel especular em relação às produções do infante. Isto é, quando ocorrem os recortes e/ou incorporações da fala infantil pela mãe, estes não apresentam a mesma configuração segmental e prosódica da fala recortada. Nesta nova configuração, **a fala enfática**, a mãe torna a sua produção saliente através da ênfase, principalmente na sílaba acentuada da palavra, pois os recortes agora são mais pontuais, centram-se na palavra (turnos 1 e 3). Além da ênfase há a utilização de alongamentos na sílaba em destaque, de forma a salientar a entonação característica da produção da palavra.

A utilização da fala enfática destaca uma mudança na estruturação do discurso materno na interação com o fim do uso da fala ritmada e da fala recortada com falsetto, para dar lugar à nomeação enfática. Este movimento lingüístico-discursivo de uma fala demarcadora da produção vocal do infante no discurso - a fala recortada -, e do uso do ritmo para a inserção de novas palavras na dialogia - a fala ritmada -, para uma fala ainda com características de recorte, mas com ênfase não na produção da criança e sim, na produção de nomeações corretas. Isto é, a ênfase está no **relação entre palavra e objeto**, ou melhor entre significante e referente. O interesse reside no reconhecimento do referente pela criança e no uso do significante a ele associado - seu nome.

No momento anterior, fala ritmada/recortada a preocupação materna era com a produção do infante, não importando muito a configuração deste significante produzido, mas sim a necessidade de produzir vocalmente, num universo cada vez mais abrangente. O intuito agora, neste momento, é o de afunilar esta gama de significantes produzidos pelo infante para aquelas produções mais lingüísticas, isto é, restringir os significantes possíveis, para aqueles mais próximos da língua.

O afunilamento na produção materna encontra-se refletido na própria estrutura do seu discurso, pois com a crescente emergência da fala da criança (desde a fala recortada/ritmada), a mãe diminui a quantidade de frases, dispensa as pausas, ela quase “se cala”, assumindo um outro lugar discursivo - o de mãe. Numa clara oposição à estrutura da fala atribuída, na qual tínhamos longos textos orais, com frases longas e complexidade sintática, pois ela ocupava um outro lugar - o do infante.

As modificações estruturais do discurso materno refletem a ocupação discursiva de um outro sujeito - o infante; cuja subjetivação se evidencia não só na tomada de seus turnos, como também e sobretudo, na reversibilidade de papéis. Isto é, quando ele ocupa não só o seu lugar na dialogia, mas também qualquer outro que se apresente na interação, como presenciamos na situação a seguir. A criança assume a posição especular ao se deslocar para outros lugares discursivos, assumindo uma outra “voz”, a da mãe:

Mãe e bebê (16 meses e 10 dias) estão no quarto próximos ao cesto de brinquedos.

22 olha para mãe, pega
um fantoche de cavalo e sorrindo enquanto manipula o fantoche
vocaliza eba ' pɐ: ' a: ' pɐ - modalizando a voz como se fosse a voz do cavalo, em falsetto

(falsetto-infantilizado)

23 ɔ'la vi'tɔria//'visi ki 'ela

Olá Vitória! “Visse”que ela

- mu 'do di 'vois// (fala olhando para a observadora) mudou de voz!
 (falsetto)
- 24 a 'a: - manipulando o fantoche
 (falsetto-infantilizado)
- 25 o 'la vi 'tória//
 Olá vitória!
 (falsetto)
- 26 a 'a://a 'a:// rindo para a mãe e para a
 câmara
- 27 ka 'de a flo 'zĩa vi 'vi//aʃa ãa flo 'zĩa 'ki//
 Acha uma florzinha Vivi! Acha uma florzinha aqui.

Nesta situação a criança assume o lugar do fantoche no discurso (turnos 22, 24 e 26), utilizando-se para isso do tipo de fala materna característico do deslocamento subjetivo - a fala atribuída. Ao falar “*como se*” fosse o fantoche, a criança põe à mostra o seu próprio deslocamento subjetivo, de infante à sujeito. Diante desta apropriação subjetiva de um lugar discursivo - o fantoche, a mãe reinstala a fala atribuída concorrendo com a criança pelo lugar do fantoche (turnos 23 e 25).

É o fim da qualidade de voz em falsetto que sempre marcou o lugar discursivo do infante na dialogia. Como pudemos acompanhar na trajetória da relação mãe-bebê, ao longo de dezoito meses, o falsetto determinou o lugar do bebê no discurso materno; esta qualidade de voz sempre surge, no discurso materno, quando a mãe fala pela criança ou recorta alguma produção vocal desta. O seu desaparecimento reflete o aparecimento do infante enquanto sujeito falante. Deste novo lugar, fazendo circular vozes e discursos, a criança começa a se posicionar na dialogia, marcando a sua ocupação discursiva também com essa qualidade de voz, quando a criança começa a ocupar outros lugares no discurso - falando “*como se*” fosse outro - no caso, falando como o fantoche em falsetto.

A própria estruturação da fala materna enquanto significante reflete os lugares discursivos por ela ocupados na trajetória dialógica entre mãe e bebê. Como pudemos observar ao longo deste trabalho, no início da atividade dialógica, na *fala atribuída*, esta se apresenta com uma estruturação sintática/sintagmática bastante complexa, com a presença de longos enunciados - frases longas, textos grandes, presença de subordinadas. Tal estruturação não é condizente com o apontado pela literatura do “manhês”, cuja caracterização envolve simplicidade, clareza e brevidade nos enunciados. Na *fala atribuída* encontramos uma fala complexa, com longos discursos, que dificilmente “facilitariam a aprendizagem” do infante de sua língua materna, mesmo que este fosse um organismo pré-programado para adquiri-la. Mas se não serve para facilitar a aquisição, qual o sentido desta fala?

3. DO INFANTE AO FALANTE

Para fazer sentido enquanto mãe, esta necessita criar um processo especular de forma a subjetivar o bebê. Neste processo, o sujeito busca se ver, aproximando-se do discurso do outro ou das ações desse outro. Isto é, significando o bebê, a mãe está significando a si mesmo. E é através da linguagem verbal, da língua, que se propicia tal constituição subjetiva. Na posição de um outro sujeito - um bebê-mãe ou uma mãe-bebê - instaura-se um funcionamento lingüístico-dicursivo, para preencher uma falta - a do bebê enquanto falante. Assim, desde o nascimento a criança se encontra imersa num funcionamento simbólico, mesmo sem, de fato, assumir uma posição, ocupar um lugar.

A partir das primeiras produções do bebê, quando este começa a ocupar o seu lugar, mesmo sem se dar conta de fazê-lo, através das incorporações de fragmentos do contínuo sonoro materno, principalmente a entonação final dos enunciados, começa a ocorrer um movimento inverso: a restrição do lugar materno. Diante de uma criança que começa "a falar", a mãe restringe o seu lugar de ocupação, e isto se reflete na qualidade de sua fala, esta passa a assumir uma estrutura pontual. Isto é, os enunciados maternos tornam-se mais curtos, bem formados, a mãe quase "se cala" cedendo lugar ao bebê. Assim, a mãe não mais ocupa um lugar discursivo, ela agora organiza este lugar discursivo do infante, passando a "estruturar o compasso da melodia" para o infante - como na *fala recortada e ritmada*.

É neste trabalho melódico que a criança vai modificando a sua posição discursiva e também se constituindo na/pela língua, pois vendo sua fala refletida no compasso melódico materno, começa também a atuar nesta língua, ainda que tendo sua estruturação significativa dependente da interpretação materna - na *fala enfática*. A criança também passa a instalar o processo especular, assumindo o lugar da mãe no discurso, e, por conseguinte, assumindo o seu próprio lugar enquanto falante.

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, M. F. P. de (1995) "Ainda a negação: questões sobre a interpretação". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 29. Campinas, SP.
- _____. (1997a) "Sobre a interpretação e os efeitos da fala da criança". *Letras de Hoje*, vol. 33. Porto Alegre, RS.
- _____. (1997b) "A fala do outro e a heterogeneidade da fala da criança". *Revista Letras* no. 14. Santa Maria, RS.
- DE LEMOS, C. T. G. (1986) "Interacionismo e Aquisição da Linguagem" *DELTA*, vol.2, nº.2.
- _____. (1992) "Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio" *Substratum*, vol. 1, no. 1.
- _____. (1995) "Língua e discurso na teorização sobre aquisição da linguagem". *Letras de hoje*, no. 4

- FERNALD, A. (1993) Human Maternal Vocalizations to Infants as Biologically Relevant Signals: An evolutionary perspective. In P. Bloom (ed) **Language Acquisition. Core Readings**. The MIT Press, Cambridge University Press.
- SCARPA, E. M. (1988) "Desenvolvimento da Intonação e a Organização da Fala Inicial" **Cadernos de Estudos Lingüísticos, 14**, Campinas.
- _____. (1997) "Learning External Sandhi: Evidence for a Top-Down Hypothesis of Prosodic Acquisition". In: **Proceedings of the GALA '97 Conference on Language Acquisition**. Universidade de Edinburgo.
- _____. & LIER, M. F. (1991) **Remarks on language perception**. Texto inédito. Campinas.
- SNOW, C. & FERGUSON, C. (orgs) (1977) **Talking to children. Language input and acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press.